

A Autogestão Comunal e o “Romantismo Utópico-Revolucionário”

(Gustav Landauer : O “Espiritual” na Autogestão)

Claudio Nascimento

O objetivo desse ensaio é articular a questão da ‘autogestão comunal’ ao campo cultural que Michael Lowy denominou como ‘romantismo utópico revolucionário’. Se, nesse último, encontramos muitos teóricos que não têm a autogestão como estratégia política, todavia, suas ideias dizem muito para cultura autogestionária. Por exemplo, os casos de E.P.Thompson na Inglaterra e Octavio Paz no México, ou, de Walter Benjamin, na Alemanha, com suas “Teses sobre filosofia da historia”.

Todavia, há exemplos dessa articulação de modo orgânico nas obras do peruano Mariategui e do brasileiro Mario Pedrosa, ambos inseridos no campo do romantismo revolucionário e também da autogestão.

Encontramos na visão de mundo de Gustav Landauer a expressão mais ampla dessa conjunção.

Nesta parte, especialmente, vamos abordar algumas ideias de R.Williams * e do socialista libertário G.Landauer. Ambos expressam a articulação dos campos da autogestão comunal e do romantismo utópico-revolucionário. Em outras partes, trabalharemos as ideias de M.Pedrosa e de Mariategui.

Vamos ter como principais referencias,em relação ao pensamento de Gustav Landauer, em primeiro lugar, as obras de M.Lowy, acrescidas da imensa biografia sobre Landauer,escrita por Eugen Lunn; o ensaio de Martin Buber,e, por fim, o pósfacio de M.Netllau a um dos livros de Landauer.

Como já vimos antes, M.Lowy tem se dedicado a teorizar o campo do ‘romantismo revolucionário”. Em uma de suas ultimas obras , “Juifs hétérodoxes. Romantisme, messianisme et utopie” (2010), Lowy traz um dos capítulos sobre o socialista judeu alemão GUSTAV LANDAUER, defensor do socialismo com base nas comunidades e-ou comunas.

Todavia, Lowy, já em uma de suas primeiras reflexões sobre o romantismo judeu, "Rèdemption et Utopie. Le judaïsme libertaire em Europe centrale. Une étude d'affinité élective"(1988), nos aporta um longo e profundo capítulo em que estuda G. Landauer: "Les Juifs assimilés, athées-religieux, libertaires: Gustav Landauer, Ernst Bloch, Gyorgy Lukács, Erich Fromm".

Na edição brasileira de "Romantismo e Messianismo" (1990), há um ensaio intitulado por Lowy de "Mesianismo Judeu e Utopias Libertarias na Europe central (1905-1923), em que faz referências à obra de G. Landauer. O referido ensaio de Lowy, incluído na obra de 2010, chama-se "Gustav Landauer, revolucionário romântico".

Gustav Landauer tem duas obras fundamentais no sentido do socialismo com base na autogestão comunal, "Apelo ao Socialismo"(1911), e, "A Revolução" (1907).

M. Lowy define Landauer como, "O socialista libertário –quase desconhecido na França- é um personagem singular na paisagem do pensamento revolucionário moderno: raros são os que exprimem tanto quanto ele, com toda sua força subversiva, a dimensão **romântica** da revolução". Podemos acrescentar a observação de M. Lowy, que, um dos elementos dessa singularidade da 'visão de mundo' de G. Landauer, no campo das 'paisagens do romantismo anti-capitalista"(Lowy-Sayre, 2011), é exatamente a articulação entre 'romantismo utópico revolucionário' e 'autogestão comunal'.

A obra de G. Landauer não teve nem tem muita divulgação.

Na França, nos anos 60, a revista "Conseils ouvriers et utopie socialiste", com textos escolhidos dos "Cahiers de discussion pour Le socialisme de Conseils", publicou textos de Landauer e de Pannekoek.

Por sua vez, Hans G. Helms, em "A Revolução Fetiche"(1971), toma a obra de G. Landauer como uma das fontes anarquistas do "anti-estatismo esquerdista radical" da Alemanha nos anos 60, sobretudo, de Rudi Dutschke e Marcuse.

O crítico Eugen Lunn escreveu uma biografia sobre Landauer: "Prophet of Community, The Romantic Socialismo of Gustav Landauer"(1973), que associa estes dois campos, romantismo e autogestão.

Justamente, E. Lunn inicia seu livro afirmando que "Gustav Landauer era um dos três mais conhecidos socialistas libertários judeus que participaram da revolução alemã e que foram assassinados; os outros dois, eram Rosa Luxemburgo e Kurt Eisner (...). Destes três

personagens, Landauer era o menos conhecido em 1919, e continua sendo até hoje” (Lunn-p.3).

Para M.Lowy, Landauer pertence ,”como Williams Morris, Ernst Bloch e outros- à uma corrente no interior do romantismo que podemos chamar de **revolucionário gótico**, na medida em que ele é fascinado pela cultura e a sociedade (católicas) medievais, em que ele busca uma parte de seu projeto socialista”.(Lowy 2010-p. 94)

E, aqui, está o núcleo central das idéias de Landauer sobre as comunidades. Vejamos como Lowy articula estes elementos:

Em contradição total com as doutrinas do progresso dominantes no seio do movimento operário e socialista de sua época, para os quais a Idade Média não era que uma época de superstição e obscurantismo, ele considera o universo medieval cristão como “um ápice cultural”, um período de desenvolvimento e de plenitude, graças à existência de uma sociedade fundada sobre o princípio da estratificação. (idem)

E, nesse ponto, G. Landauer define a sociedade: “um conjunto formado de múltiplas estruturas sociais independentes – guildas, corporações, confrarias, ligas, cooperativas, igrejas, paróquias) que **se associam livremente.**”

Lowy, então, remarca que “Nesta imagem – muito idealizada – da sociedade medieval, um dos traços mais importantes para o filósofo libertário era a **ausência de um Estado todo-potente**, em que o lugar era ocupado pela sociedade, por ‘uma sociedade de sociedades’ ”.

E Lowy aponta que Landauer se defende quando acusado de elementos ‘obscurantistas’, “feudais”, “clericais” ou “inquisitoriais” em suas ideias, afirma que “O essencial a seus olhos é o alto grau de civilização do mundo gótico, graças à diversidade de suas estruturas e à sua unidade: um mesmo espírito habitava os indivíduos e lhes assignava os objetivos supremos”.(idem)

Para Landauer, ao contrário desta época, a era moderna iniciada com o século XVI era “um tempo de decadência e de transição”, “um tempo de ruptura do charme unificador que enchia a vida social”, enfim, uma época de desaparecimento do espírito em favor da autoridade e do Estado”.

Em sua obra “Apelo ao Socialismo” Landauer associa as comunidades da Idade Média aos Conselhos Operários da onda revolucionária dos anos 1920. Lowy aborda esse ponto: “A

seus olhos os conselhos operários que se desenvolveram na Europa são “as partes orgânicas do povo que se autogere (**selbst-bestimmend**)” e é provável que ele os considere como uma figura nova das comunidades autônomas da Idade Média”.

Em ensaio intitulado “Os Anarquistas Religiosos Judaizantes (inserido na Coletânea “Romantismo e Messianismo”.Edusp 1990),M.Lowy definiu Landauer do seguinte modo:” Se existe um modelo acabado de pensamento restaurador-utópico no universo cultural do século XX, é na obra de Landauer que se pode encontrá-lo” (p.159).

Mas,no ensaio de 2011,incluído em “Juifs hétérodoxes”M.Lowy afirma que “Todavia o pensamento de Landauer não é de um ‘romantismo regressivo-conservador”.(p.97)

Ao contrario, “Anarquista convicto, ele se reclama da herança de La Boetie, Proudhon, Kropotkine, Bakounine e Tolstoi, para opor ao Estado centralizado a **regeneração** da sociedade pela constituição de uma nova rede de estruturas autônomas, inspiradas das comunidades pré-capitalistas.Não se trata de retorno ao passado medieval,mas de dar uma forma nova à velha e de criar uma **Cultura** com os meios da **Civilização**”(idem).

Para Lowy, “Ele vê nas comunas e associações medievais a expressão de uma vida social autêntica e rica em espiritualidade”, que ele opõe ao Estado moderno – “essa forma suprema do não-espírito (Ungeist)” e reprova ao marxismo o fato de negar afinidade entre o socialismo do futuro e certas estruturas sociais do passado como as repúblicas urbanas da Idade Média, a Marca rural e o Mir russo”.(p.97)

Para Lowy,

Isso significa concretamente que as formas comunitárias do passado que são preservadas durante séculos de decadência social, devem se tornar “os germens e os cristais da vida (Lebenskristalle) da cultura socialista a vir”. As comunas rurais, com seus vetígios da antiga propriedade comunal e sua autonomia em relação ao Estado, serão os pontos de apoio para a reconstrução da sociedade (idem)

Em seu livro publicado em 1907, “ A Revolução”, Landauer chama a grande Revolução francesa de 1789, de **‘revolução da comuna de Paris”,articulando-a com a rebelião parisiense de maio de 1588. (Landauer.1977.ps.109-110)**

Eugen Lunn assinala a fundamental influencia de Kropotkin: “Em “ Apoio Mutuo” Kropotkin defende que a cooperação mutua é natural no homem e nos animais e o fundamento da ética humana, e também é biológica e historicamente efetiva (...).O que capturou a imaginação de Landauer, ,foi a ideia de Kropotkin que a cooperação voluntaria era

um poder histórico corrente na vida social da Europa; advogando a ajuda mútua e um papel não autoritário, Landauer significa uma tradição comunitária descentralizada, uma vida comunitária no passado da Europa. O grande período da cooperação voluntária no passado europeu, para Kropotkin, foi a Idade Média”(p.177).

E, do ponto de vista do metabolismo social, “Kropotkin foi um dos defensores da Guilda Medieval que, dizia, não foi um corpo de cidadãos, postos sob o controle de funcionários estatais; foi a união de todos homens conectados com um mesmo ofício...que tinha sua auto-jurisdição, sua própria força militar, suas próprias assembleias,...suas próprias relações com outras guildas do mesmo ramo em outras cidades: ele tinha, em uma palavra, uma total vida orgânica que era resultado da integralidade de funções vitais”(p.177).

Landauer fundou sua concepção histórica tendo por modelo nas comunidades e guildas associativas da Idade Média. Deste modo, para concepção da história de Landauer, os séculos 16 e 17 marcaram com o início da Renascença, o declínio e uma degradação cultural e social em relação à Idade Média. “O poder centralizado do Estado moderno significou o declínio da vida social libertária da cidade medieval e da rica cultura comunal”(p.178).

Para G. Landauer, foi por volta de 1500 que a moderna história da Europa foi palco da longa revolução marcada pela centralização estatal e pela atomização social. Em que “a tirania estatal substituiu a cooperação comunal...A atomização social, a exploração capitalista, e a política do absolutismo desenvolveram-se de modo forte nos séculos 15 e 16 refletindo a decadência do auto-governo da organização comunal e do espírito da comunidade”(p.185).

Nesta visão, Landauer condena na grande Revolução Francesa de 1789, o poder centralizador e tirânico dos jacobinos, e admira ‘a organização federalista das ‘seções parisienses’, os comitês populares dos bairros.

Contudo E. Lunn remarca, como já o fez M. Lowy, que “O mediavalismo de Landauer não reflete a visão do feudalismo...”. E. Lunn cita o próprio Landauer:

“O principal da Idade Média era a oposição ao princípio do centralismo e poder estatal que se desenvolveu quando o espírito comunal foi perdido...A forma da Idade Média não era o estado mas a sociedade, a sociedade das sociedades”(p.183-184)

Para Landauer, a questão que se põem quando se estuda a Idade Média era de como “reviver seu espírito comunal em um mundo moderno, numa era de falta de espiritualidade e muito violenta...de individualismo e muita atomização”(p.185)

Por fim, Lowy ressalta a concepção da história presente em Landauer:

Que é a Utopia? “A Revolução” é um dos primeiros livros, em língua alemã, a restituir, no início do século XX, o sentido positivo ao conceito de utopia - após o célebre “Socialismo utópico e socialismo científico” de F. Engels (1877) - e torná-lo o vetor principal de um pensamento revolucionário. (p.95)

Em sua biografia de Landauer, E. Lunn o define como “Anti-autoritário, socialista, um ramo humanitário do romanticismo popular. Sua riqueza teórica é, penso, óbvia. Mais importante, esse tipo de socialismo romântico é rico do ponto de vista histórico” (p.6).

Lunn, então, sintetiza a visão de mundo de Landauer: “Esforços para combinar formas radicais de participação democrática, economia socialista, e comunitarismo popular”. (idem).

Landauer define a utopia de forma a portar afinidades com as Teses de Benjamin e as obras de E. Bloch: “um princípio surgido de épocas distantes, que junta os séculos em alguns passos de gigante para se lançar no futuro”.

Lowy, profundo conhecedor da obra de Benjamin, diz que “o autor de A Revolução põe a luz graças a sua sensibilidade romântica, a dialética entre o passado e o futuro que lhes constitui: toda utopia traz em si “o lembrar de um passado entusiasta de todas as utopias precedentes conhecidas”. (p.96)

Em o Apelo ao Socialismo, Landauer aprofunda alguns temas do livro anterior. Para Lowy, “Landauer ataca diretamente a filosofia do progresso comum aos liberais e aos marxistas da Segunda Internacional: ‘Nenhum progresso, nenhuma técnica, nenhuma virtuosidade não nos trarão a salvação e a bondade’. Rejeitando “a crença na evolução progressista (Fortschrittentwicklung)” os marxistas alemães, ele apresenta sua própria visão da mudança histórica: “Para nós, a história humana não é feita de processos anônimos, e não é apenas uma acumulação de inumeráveis pequenos acontecimentos [...]. Onde há para a humanidade algo de alto e grandioso, transformador e inovador, foi o impossível e o incrível [...] que realizaram a virada”. Em seguida, Lowy fecha o raciocínio: “O momento privilegiado dessa irrupção do novo é precisamente a revolução, quando “o incrível, o milagre se desloca até o reino do possível”. (p.96)

Ou, na visão de E. Lunn, para quem Landauer buscava construir uma “alternativa ao materialismo ideológico e ao urbanismo industrial do marxismo da SPD*”. (p.75)

Eugen Lunn chega mesmo a dividir a obra de Landauer em duas fases :

“No primeiro período, de 1893 a 1894, “Landauer buscava orientar os operários de Berlim na busca de um programa de Controle operário industrial”, através do “quase-marxista” sindicalismo alemão. Em uma segunda fase, de 1895 a 1897, o foco foi dirigido para as Cooperativas de produção-consumo.(p.81-82).

No primeiro período a orientação era urbana. Já no segundo, Landauer se desloca para uma visão anti-urbana e anti-industrial. Para Landauer, os trabalhadores de Berlim estavam inseridos no autoritarismo da estrutura partidária-sindical e pelo sistema industrial vigente.

O inimigo real era para Landauer ,não a burguesia, mas a condição humana do trabalhador caracterizada pela rotina, inércia e dependência. Estas eram as raízes do poder do Estado, assentado na “ férrea fé das massas no autoritarismo”

Essa condição de dependência dos operários poderia ser quebrada pelo desenvolvimento de suas capacidades de auto-determinação através das cooperativas de consumo-produção. O primeiro dever do socialismo libertário não era o ataque frontal ao Estado, mas “destruir as raízes desta dependência das massas”.(p.93)

O lado anti urbano e industrial da idéia de Landauer implicava que os trabalhadores deveriam partir para o campo para formarem, inicialmente, pequenas comunidades, “novas estruturas livres”, bases de um ‘socialismo comunal”, assentado em cooperativas. Para Landauer, “A única forma para substituir o estado com auto-determinação, comunidade popular socialista, é começar, em nível local, a formação de associações voluntárias entre os homens”(p.191)

A moderna substituição do estado pela comunidade popular, do estado burocrático pela cooperação voluntária, e a fadiga humana pelo trabalho criativo.

Nesta perspectiva, “Se um proletário queria tornar-se parte de uma sociedade com base na cooperativa socialista, deveria se preparar para abandonar a grande cidade e começar a reintegração em escala pequena na indústria e na agricultura em comunidade federadas na terra”.(p.216)

Landauer almejava a autonomia local das comunidades, a preservação da tradição da comuna camponesa para assegurar o auto-governo ao nível e base.

Assim, “Socialismo é o retorno ao trabalho natural, a união natural de todas as atividades, a completa troca destas atividades, a comunidade física e intelectual, do trabalho artesanal e agrícola, a união também da educação e trabalho, do jogo e do trabalho”

(p.220).Em outra ocasião,Landauer que “O proletariado de hoje necessita terra, caráter, responsabilidade, natureza, e amor ao trabalho e liberdade”(p.217)

Coerente com sua teoria, Landauer em 1903 se mudou de Berlim para Hermsdorf,uma pequena vila fora de Berlim,para formar uma “Colônia comunitária rural”. Estas Colônias dariam vida a síntese entre ‘romantismo popular’ e “socialismo libertário”.

Na concepção de Landauer a futura “Comunidade” (Gemeinde) seria caracterizada por uma “profusão” de formas de posse –individual, comunal e cooperativa “(p.222),A posse dos meios de produção de todos os tipos, das casas,e da terra. Neste aspecto,para E.Lun “Landauer buscava combinar Proudhon e Kropotkin: haveria posses individual e comunal, redistribuídas periodicamente “..(p.223)

Como não recordar as idéias de Benjamin, Bloch e tantos românticos utópicos?

Neste sentido, Arno Munster em sua obra “Ernst Bloch , filosofia da praxis e utopia concreta”(1993), analisando as relações entre Bloch,Lukacs e Benjamin,afirma que :

“ E.Bloch,por seu turno, que desde o ano de 1907 fora muito influenciado pelas idéias filosóficas e políticas de Gustav Landauer, que teve um papel importantíssimo na criação da “República dos Conselhos” da Baviera e que inspirou Ernst Bloch na formulação de seu primeiro projeto filosófico místico-utopico-revolucionario (cf. Ernst Bloch:Thomas Munzer-teólogo da Revolução),simpatizava com esse movimento socialista revolucionário,do mesmo modo que Georg Lukács”.(1993.p.13).

Seguindo A.Munster,“Benjamin parecia bastante indiferente as idéias filosóficas e políticas de Landauer”.E que, a “visão apocalíptica à Dostoievski entrelaçava-se em Ernst Bloch, com a esperança místico-utopico-revolucionaria de Gustav Landauer, com a visão da chegada do socialismo revolucionário da “Republica Mundial da Fraternidade”, de um ‘socialismo da comunidade’,das ‘cooperativas’ .

Todavia,Munster comparando os projetos de Bloch e Benjamin, mostra como “Essa concepção concepção do século XIX,não exclui um projeto revolucionário para o futuro.No entanto,esses dois projetos, que foram elaborados quase na mesma perspectiva filosófico-teológico-messianica escatológica da historia e que se envolvem com as perspectivas revolucionarias do materialismo histórico,não são completamente idênticos”.(idem)

Em relação à Benjamin:”dado o seu maior enraizamento nas tradições do messianismo judaico,a teoria benjaminiana, que admite uma perturbação da ordem existente através da

‘dialética em repouso’, está mais próxima das concepções de um “anarquismo messiânico” do que a teoria de Ernst Bloch, **mesmo que o “espírito da utopia” revele também a influencia de Gustav Landauer”**.(grifos nossos)(idem)

Já em outra obra, A. Munster (“ Utopia, messianismo e apocalipse, nas primeiras obras de Ernst Bloch” (1994), comentando algumas obras sobre E. Bloch, afirma:

“retomando a tese de Lowy sobre o anticapitalismo romântico no pensamento do jovem Bloch e do jovem Lukács, Christen interpreta a atitude ética e religiosa de Bloch como uma expressão de tal anticapitalismo romântico, místico e libertário, cuja dimensão ético-política cristaliza-se na utopia concreta da “Comunidade Humana Mística”, a qual toca em muitos pontos o conceito de “Comunidade Humana Fraternal” de Gustav Landauer”.

E, para Christen, “o inimigo principal da realização dessa utopia social blochiana e landauerina, desse “socialismo místico-religioso de comunidades”, é o Estado prussiano”.

Bloch se inspirou em Landauer no seu estudo sobre Thomas Munzer. Nesse sentido, Christen afirma, segundo Munster, que:

“O que Landauer escreveu sobre papel de Thomas Munzer na guerra dos camponeses alemães foi absorvido quase literalmente por Bloch em “Thomas Munzer como teólogo da revolução”. Mas, Arno Munster, pondera que : “ recomenda-se uma certa prudência: não podemos afirmar que Bloch, sem seus escritos da juventude, simplesmente ‘copiou’ as idéias de Landauer, desenvolvendo-as a seguir no Espírito da utopia e em Thomas Munzer”.

Há muitas diferenças entre Bloch e Landauer. por exemplo, Munster assinala uma importante: “Ele-Bloch, não aceita a distinção landaueriana entre **topia e utopia; além disso,** ontologiza a utopia de um modo diferente do de Landauer”.(116).

A UTOPIA COMUNAL

Martin Buber em “Utopie et Socialisme” ressalta as afinidades entre Landauer e Kropotkine:

Para Landauer, “ O Estado não é , como pensa Kropotkine, uma instituição que pode ser destruída por uma revolução.” O Estado é uma relação, uma relação entre os homens, um

modo de comportamento dos homens uns frente aos outros. Podemos destruí-lo construindo novas relações, se comportando de outro modo uns frente aos outros”.

Em Landauer “Os homens vivem atualmente entre eles uma relação ‘estatal’, isto é, uma relação que torna necessária a ordem coercitiva do Estado e se deixa figurar nele. Essa ordem só pode ser superada se essa relação for substituída por outra. Essa outra relação Landauer chama ‘**povo**’.

“Ela é uma ligação entre homens, que está aí efetivamente, mas ainda não se tornou relação e união, nem é um organismo superior”. Na medida em que onde, a base do processo de produção e de circulação, os homens se reencontram de novo como povo, e “se soldam em um organismo com inumeráveis órgãos e membros”, o socialismo que no momento só vive no espírito e no desejo dos homens só e atomizados, se tornará realidade, - não no Estado “mis no exterior, fora do Estado”, o que quer dizer: ao lado do estado. Essa reunificação significa, como ele falou, não a fundação de algo de novo, mas a atualização e a reconstrução de algo que esteve sempre presente, a **comunidade** existente de fato. Mas ao lado do Estado, de algum modo oculta e devastada. Um dia, saberemos que o socialismo não é a invenção de alguma coisa nova, mas a descoberta de alguma coisa que existe e que se desenvolveu”.

Segundo M. Buber “O que há sua importância é que para Landauer, a re colocação da sociedade ‘fora’ e ‘ao lado’ do Estado é para o essencial ‘a descoberta de uma coisa que existe e já se desenvolveu”. Existe realmente ao lado do Estado uma comunidade “não mais uma soma de átomos individuais isolados mas um conjunto orgânico comum que, saído de grupos múltiplos, tende a se ampliar até formar um arco. Mas a realidade comunitária deve ser revelada e tirada das profundezas onde ela se subsiste sob a crosta do Estado. Só podemos chegar lá tirando essa crosta que recobre os homens, essa estatização interna, e revelando o que dorme enbaixo de sua realidade primitiva.” Tal é a tarefa dos socialistas e dos acontecimentos populares que eles organizam e provocam: preparar o relaxamento do endurecimento dos corações para que o que está encoberto venha de novo à superfície e o que é verdadeiramente vivo, mas que parece morto, reapareça e se desenvolva ao ar livre”.

“Desse modo, os homens renovados poderão renovar a sociedade e, porque sabem por experiência que é a persistência imemorable da comunidade que se manifestará em suas almas como algo novo, eles incorporarão no novo edifício tudo o que se manteve na forma comunitária verdadeira.

Landauer defendia a necessidade de formas e de tradições: "O que edifica, não arbitrariamente e de forma vã, mas equitavelmente e para o futuro age em relação estreita com a tradição imemorial; essa se confia à ele e lhe mandata. Compreendemos agora claramente porque Landauer não chama a 'outra' relação que o homem pode concluir no lugar da relação estatal por um novo nome, mas a nomeia simplesmente "povo".

Para Landauer, Esse 'povo' pertence a realidade mais íntima do que significa nação, o que fica quando a estatização e a politização são abolidas: uma comunidade de ser e um ser-em-comunidade são as formas múltiplas". Desse modo, "o socialismo, a liberdade e a justiça só podem ser instituídas entre quem são solidários para sempre; o socialismo não pode ser estabelecido no abstrato, mas apenas em uma multiplicidade concreta segundo as harmonias dos povos".

Para Landauer "A salvação só pode vir da renascença dos povos à partir do **espírito da comuna**". Desse modo, diz Buber, Landauer compreende a comuna concretamente, na reaparição, mesmo que ela seja ainda rudimentar, das antigas formas tradicionais da comunidade e na possibilidade de preservá-las, de renová-las e de remodelá-las (...) Landauer conta com para isso com as unidades comunais que estão profundamente gravadas na memória: "há comunas de cidades e vilas com vestígios da antiga propriedade comunal, com os camponeses e os trabalhadores agrícolas que se lembram dos limites de origem, transformadas após séculos em possessões privadas, as instituições da comunidade pelo trabalho dos campos e o trabalho manual".

Acresce M. Buber: "Ser socialista significa estar em conexão vital com o espírito e a vida das comunidades dessas épocas, ficara cordado, examinar de um olhar imparcial os vestígios destes tempos passados que são ainda ocultos nas profundezas de nosso tempo tão distante dessa idade comunitária, e lá onde se é capaz, ligar por laços sólidos ao que dura e que projetamos em formas novas".

E, aqui, Buber nos conduz a filosofia do tempo de Landauer:

"Mas isso quer dizer também: se poupar de todo traço esquemático do caminho, saber que na vida do homem e da comunidade humana " **a linha direta entre dois pontos pode se revelar a mais longa**"; o caminho verdadeiro para o socialismo depende não somente do que conhecemos e do que planejamos, mas também do desconhecido e não do conhecido, do inesperado e não do esperado, viver ativamente isso a toda hora enquanto somos capazes." No detalhe, diz Landauer em 1907, nada sabemos do caminho mais próximo: ele pode passar pela

Rússia como a Índia. A única coisa que podemos saber, é que nosso caminho não passa pelas orientações e os combates do dia, mas pelo desconhecido, o profundamente encoberto e o instantâneo”.

Aqui M. Buber diz que Landauer tem em mente “um conservatismo revolucionário: uma opção revolucionária dos elementos do ser social que merecem ser conservados e que são válidos para uma nova construção”. Comparando com o poeta Walt Whitman: “unir ao mesmo tempo o espírito conservador e o espírito revolucionário”! Sem dúvidas, uma definição próxima a do “romantismo utópico revolucionário”! (idem, p. 88 a 89).

Vamos direto a obra de G. Landauer, beber direto na própria fonte.

Vimos como M. Buber fala da filosofia de Landauer: “uma escola revolucionária dos elementos do ser social”. E. Landauer, a exemplo da Ontologia do Ser Social de G. Lukács, aprofunda sua reflexão sobre a categoria de ‘trabalho’.

O conhecido anarquista Max NETTLAU, em seu longo pós-fácio à edição espanhola do livro de G. Landauer (“Incitação ao Socialismo”-1947), define sua proposta de sociedade como **“Socialismo construtivo experimental”**.

Essa experimentação autogestionária ocorre com a praxis de “pequenos pontos de cristalização” criados nas cidades (254) . Em 1912, segundo M. Nattlau, a Liga Socialista estava formada por 18 grupos (“os cristais da revolução”), assim distribuídos; Berlim 4, Oranienburg 1, Leipzig 2, em Breslau, Hamburgo, Colônia, Hof na der Saale, Mannheim, Stuttgart, Munich, um em cada, na Suíça 4” (299).

Diz Landauer, em sua Incitação:

“Nós lhe dizemos: o socialismo não acontece se não o crias. Alguns entre nós dizem: primeiro há que ocorrer a revolução, depois vem o socialismo. Porém como? introduzido de cima abaixo? Socialismo de Estado? Onde estão as organizações, os começos, os germens do trabalho socialista e da troca equitativa entre as comunas de trabalho? Não há sequer pensamentos, nem mesmo vemos considerações da necessidade disso... Nós não esperamos a revolução para que comece o socialismo; mas, começamos a fazer do socialismo realidade, para que ocorra por esse meio a grande transformação” (p. 254).

Uma das fontes da obra de G. Landauer, segundo M. Nattlau, foi a Comuna de Paris: “Examina a Comuna de Paris atraído desta vez por Courbet, que lhe interessava muito” (291).

Em seu “Incitaciòn Al Socialismo” ,na versão espanhola de Diego A. De Santillan , encontramos a concepção landeuriana de TRABALHO e de COMUNIDADE.Landauer inicia com 3 questões de caráter filosófico-ontológico:

1=Como se trabalha em nosso tempo?

2=Por que se trabalha ?

3= Que é,ademais,o trabalho ?

“ Só poucas espécies animais conhecem o que chamamos trabalho: abelhas, formigas, termitas e homens.A raposa em sua moradia e na caça, o pássaro sem eu ninho e na busca de insetos e de grãos,todoss e esforçam para viver,porém não trabalham. **Trabalho é técnica; técnica é espírito comum e provisão. Não há trabalho onde não há espírito e provisão e onde não há comunidade**”.

E,Landauer,acrescenta mais 3 perguntas :

Qual é o espírito que determina nosso trabalho ?

Como funciona a provisão ?

Como funciona a comunidade que regula nosso trabalho? “

E,G.Landauer inicia uma espécie de Critica da Economia Politica,da vida cotidian dos trabalhadores sob o capitalismo,que lembra paginas de Flora Tristan e de Marx.

“Assim são e assim estão condicionados:

“A terra,e com ela a possibilidade de habitação,do oficio,da atividade;a terra,e com ela as materias primas; a terra,e com ela os meiosd e trabalho herdados do passado,estão em posse de alguns poucos.Estes poucos têm o poder econômico e pessoal na forma de propriedade da terra, riqueza monetária e dominação dos homens.(..)

Landauer põe o dedo na ferida que causa tantas mazelas sob o domínio do Capital:

“porque suas instalações produtivas e suas empresas não se orientam segundo as necessidades de um ser humano orgânico, solidário, de uma comuna ou uma associação maior de consumo ou de um povo,mas respondem apenas às exigências de sua fabrica,aos milhares de operários atados como Ixon* à roda,e não podem que executar nessas maquinas pequenos trabalhos parciais”.

E que, o lucro determina todo esse processo:

“É indiferente que façam canhões para o extermínio de seres humanos, ou meias com pólvora tecida, ou mostarda com farinha de insetos. É igual que seus artigos sejam empregados ou não, que sejam úteis ou absurdos, formosos ou feios, finos ou vulgares, sólidos ou frágeis; tudo isso é igual. Sempre que são comprados, sempre que tragam dinheiro”. (p.42)

A grande massa dos homens está separada da terra e de seus produtos, da terra e de seus meios de trabalho. Vivem na pobreza ou na insegurança; não há nenhuma alegria e nenhum sentido em suas vidas; trabalham coisas que não têm nenhuma relação com suas vidas; trabalham de um modo que lhes priva de alegria e os torna torpes. Muitos, massas, com frequência não têm teto sobre suas cabeças, passam frio, fome e calamidades (...).

Suas vidas não têm relações, ou as têm pouquíssimas, com a natureza; não sabem o que é paixão, alegria, o que é gravidade e interioridade, o que é horrível e o que é trágico; não vivem nada disso; não podem rir nem podem ser crianças; se suportam e não sabem o insuportável que são; vivem também moralmente na sujeira e no ar corrompido, em uma nuvem de palavras feias e de diversões repulsivas.” (p.44).

E qual o papel do Estado nessa estrutura social?

“Para criar ordem e possibilitar a vida nessa insipidez, nesse absurdo, nessa confusão, nessa penúria e nessa perversão, está aí o Estado. O Estado com suas escolas, suas igrejas, juizes, presídios, casas de trabalho; o Estado com seus gendarmes e sua polícia; o Estado com seus soldados, empregados e prostitutas.

Onde há espírito, há sociedade. Onde não há espírito se impõe o Estado. O Estado é a substituição do espírito.(...).

O espírito que regula nosso trabalho se chama dinheiro...

A ideia de Estado é um espírito artificialmente elaborado uma falsa imaginação(...) O Estado, com sua polícia e todas suas leis e instituições da propriedade, existe pela vontade dos homens (...). O espírito é algo que mora nos corações e na alma dos indivíduos da mesma maneira; (...) O Estado não mora nunca dentro dos indivíduos. Não se converteu nunca em qualidade individual, nunca foi voluntariedade. Põe o centralismo da obediência e da disciplina em lugar do centro que rege o mundo do espírito; este centro é o latejar do coração e do pensamento livre, próprio no corpo vivente da pessoa. Em outro tempo houve comunas,

associações tribais, guildas, corporações, sociedades, e todas se deslocavam até a sociedade. Hoje existe coação, letra, Estado”. (p.46-47).

Mais a frente, Landauer associa esse espírito com o socialismo:

“Esse espírito tem outros nomes: associação; e o que poetizamos, o que queremos embelezar, é a prática, o socialismo, é a associação dos homens que trabalham”. (idem, p.61)

Landauer critica de forma radical Karl Marx, que associa com ‘interpretação materialista’, ‘econômica’, ‘interpretação da história sem espírito’ e ‘visão linear do progresso’ que associa intimamente socialismo a capitalismo.

“Não é de importância simbólica que a obra básica do marxismo, a bíblia dessa espécie de socialismo, se chame El Capital?”

A esse socialismo capitalista opomos nosso socialismo:

“o socialismo, a cultura e a associação, a mudança justa e o trabalho alegre, a sociedade das sociedades tão só pode vir quando desperta o espírito, um espírito como o que tem conhecido o período cristão e o período precristão dos povos germânicos, e quando esse espírito chega a incultura, a dissolução e a ruína, que, falando economicamente, se chama capitalismo”. (p.69).

Para Landauer, “O pai do marxismo não é o estudo da história, não é tampouco Hegel, não é Smith nem Ricardo, nem nenhum dos socialistas antes de Marx(...). O pai do marxismo é o vapor”; “Marx profetizou com o vapor”. E, para Landauer, “O capitalismo não é um período de progresso, mas de ruína” (p.123)

Fazendo um breve parêntese, esta visão do marxismo Landauer deve-se, segundo De Santillan, porque “caiu no círculo de Benedikt Friedlaender, cujo repúdio ao marxismo não deixou de ter sua influência sobre Landauer” (idem, p. 195)

E, seguindo adiante seu raciocínio, associa essa ‘imagem dialética’ espírito-socialismo, às comunas, próximo ao “Princípio da Autogestão Comunal”:

“Espírito é espírito comum, e não há indivíduo em que não exista, desperto ou adormecido, o instinto até o todo, até a associação, até a comuna, até a justiça. A coação natural para a associação voluntária dos homens, com o objetivo de sua comunidade, existe de modo inextirpável”. (p.127)

Landauer avança na linha da “Utopia Concreta” (Bloch):

“O prazer de criar dos pequenos grupos e comunidades de justiça, não ilusão celeste ou figura simbólica, mas alegria social terrestre e preparação popular dos indivíduos, produzirá o socialismo, produzirá o começo da verdadeira sociedade. O espírito se expressará diretamente e criará de carne e sangue vivos suas formas visíveis: os símbolos do eterno serão as comunas, as encarnações do espírito serão corporações de justiça terrestre, as imagens sagradas de nossa igreja serão as instituições da economia racional.”(p.127)

Para Landauer, “A nova sociedade que queremos preparar, cuja pedra angular nos dispomos a lançar, não será nenhuma volta a uma qualquer das velhas formas, será o velho em uma nova figura, será uma cultura dos meios da civilização que voltou a despertar nestes séculos”.(p.129)

A crítica de Landauer dirige-se a industrialização:

“...As formas de comunidade vivente da Idade Média, que se salvaram na Alemanha, França, Suíça, Rússia, ante tudo através de séculos de derrota, preferiria sucumbir e afogar-se no capitalismo antes que reconhecer que há nelas os germens e os cristais vitais também da cultura socialista futura; porém se compararmos as condições econômicas, digamos da Alemanha, na metade do século XIX, com seu sistema fabril, com a devastação da terra, com a uniformização das massas e da miséria, com as economias destinadas ao mercado mundial em lugar de serem destinadas às necessidades efetivas, encontramos nestas comunidades produção social, cooperação, começos de propriedade comum: nos sentimos à vontade”.(p.73-74)

Socialismo ou Barbarie

Landauer, escrevendo em 1911, portanto antes da 1ª Guerra, estava convicto de que “talvez nunca houve um tempo de decadência de mundos tão perigoso como o nosso”. Para Ele, pela primeira vez “a terra tem sido completamente explorada; logo, estará completamente povoada e possuída”.

Apresenta uma alternativa: “Não só buscamos cultura e beleza humana na convivência; buscamos salvação! O âmbito maior que houve na terra tem que ser criado e já abre caminho nas camadas privilegiadas; porém, não pode vir pelos laços externos, pelos cordões ou disposições do Estado ou do Estado mundial de horrorosa invenção, mas só pelo

caminho do individualismo mais individual e do ressurgimento das mais pequenas corporações:antes de tudo,as comunas(...).temos que fundar a humanidade e só podemos encontra-la na espécie humana,só podemos faze-la brotar das associações voluntarias dos indivíduos e da comuna dos indivíduos independentes e naturalmente ligados uns aos outros".(p.144)

Landauer,então,se pergunta:"onde está o povo que se levanta para o saneamento, para a criação de novas instituições ?".E,volta a sua ideia:"onde o espírito cria uniões como família cooperativa, grupo profissional, comuna e nação,existe a liberdade e pode aparecer também a humanidade".

Adiante volta a questão: "nenhuma estatística mundial e nenhuma republica universal podem nos socorrer.A salvação só pode traze-la o **renascimento desde o espírito da comunidade. A forma básica da cultura socialista é a associação de comunas economicamente independentes e que trocam entre si seus produtos(...).**"

Para G.Landauer,"as unidades do individuo e a da família deveriam se elevar a unidade da comuna, forma básica de toda sociedade".

E,define,de forma enfática, a Sociedade que almeja:

" A sociedade é uma sociedade de sociedades de sociedades, uma associação de associações de associações; uma comunidade de comunidades de comunas;uma republica de republicas de republicas.Só ai há liberdade e ordem, só ai há espírito; um espírito que é independência e comunidade, associação e autonomia" (p.158)

A tríade dialética: Fome, mãos e terra !

Landauer repete varias vezes seu slogan ontológico : "Fome , mãos e terra existem; as três estão ai naturalmente"!

FOME é toda necessidade legitima; o que MÃO são todos os tipos de musculos e nervos e cérebro, é espirito e corpo, é trabalho.A TERRA é propriedade inalienável de todos os homens.

"Devemos voltar a ter a terra.As comunas do socialismo têm que repartir novamente a terra (...).Que uma parte seja terra comunal, outras partes bens de família para a casa, o pátio,a horta e o campo(...).Vejo no futuro,em sua mais formosa floração, a posse privada, posse cooperativa, posse comum;posse não apenas das coisas do consumo imediato ou das mais

simples ferramentas;também a posse , tão supersticiosamente temida por alguns, de meios de produção de todo tipo, decasa e da terra”.

E fala do “reino milenário ou para eternidade”, incitando aos Evangelhos: “Deveis fazer soar por todo vosso território o décimo dia do sétimo mês como o dia da nivelção...E deveis santificar o ano cinqüenta e proclamar um ano livre no pais para todos os que nele habitam;pois é vosso ano de jubilo;cada um entre vós deve então voltar a seu lugar e a sua casta...É o ano do jubileu,e todo mundo deve voltar ao seu...O que tiver ouvidos para ouvir, que ouça...Deveis sonar a trombeta em todo seu território!”.

Landauer reflete a partir das carências: “Fome ,mãos e terra, as três coisas existem,estão ai naturalmente;para a fome criam as mãos zelosamente com o trabalho na terra ;a isso se acrescenta o exercício especial de certas marcas em industrias centenárias”.

Landauer defende o “intercambio de comuna a comuna”.Para Ele,a missão do socialismo é “ordenar a economia do intercambio de modo que, ainda com o sistema decambio, cada um trabalhe para si;que os homnes estejam ligados uns aos outros de mil maneiras e que,sem duvida,não seja tirado nada de ninguém nessa associação,ao contrario,que se lhe dê a cada um.Não cdado com um presente;o socialismo não prevê renuncia como não prevê roubo;cada um recebe o produto de seu trabalho e tem o usufruto do fortalecimento de todos na extração dos produtos da natureza,fortalecimento que fez possível a divisão do trabalho, o intercambio e a comunidade laboriosa”.(p.161)

Seu diagnostico é violento:”Em lugar de ter a vida entre nós, pomos entre nós a morte;tudo se converteu em coisa e em divindade objetiva;a confiança e a reciprocidade se converteram em capital;o interesse comum se converteu em Estado”.

Esse “intercambio de comuna a comuna”,Landauer denomina de REGIME ECONOMICO-POPULAR,com base no par Terra e Espírito, “a solução do socialismo”.

Nessa perspectiva, a obra de Landauer ao conjugar o ‘espírito’ e a ‘terra’ em sua concepção de socialismo,porta profundas afinidades com a idéia do ‘socialismo comunitario’ em curso nos países andinos. Afirma que “A luta do socialismo é uma luta pela terra; o problema social é um problema agrário” (170)

Inclusive,critica a visão marxista centrada no papel predominante do ‘proletariado industrial’ na construção do socialismo:

“ Assim,podemos ver que enorme falta tem sido a teoria do proletariado dos marxistas.nenhum estrato da população saberia menos,se chegasse hoje à revolução, o que fazer,que nossos proletários industriais”.

Para Landauer, uma greve geral revolucionaria, ampla e energica, poria os sindicatos no poder de decisão.Todavia,“no dia seguinte a revolução os sindicatos tomariam posse das fabricas e oficinas nas grandes cidades enas cidades industriais,mas teriam que continuar produzindo para o mercado mundial os mesmos produtos, dividiriam entre si os ganhos dos capitalistas e se maravilhariam se não cheguem a outra coisa que o empioramento de sua situação,o estancamento da produção “(170).

Para Landauer,“O socialismo é transmutação;socialismo é começar de novo;socialismo é retomar relação com a natureza,preencher o espírito,reconquistar a relação”.E que,“Os socialistas querem reunir-se novamente em comunidades e nelas produzir o que necessitam os membros delas”.Landauer afirma que não podemos esperar o socialismo enquanto “ em nós,indivíduos,não se haja encontrado e criado de novo o humanismo”.Para Ele, “desde o individuo começa tudo”.(171)

Mais uma vez define a sociedade das comunas :“Comunidades aldeias com rostos de velha posse comum,com recordações dos camponeses e dos lavradores sobre a limitação originaria que passou a séculos à propriedade privada; instituições de economia coletiva para o trabalho do campo e do artesanato.O sangue camponês corre todavia nas veias de muitos proletários urbanos;devem aprender a escutar isso de novo.O objetivo,o objetivo todavia muito distante, é certamente o que hoje se chama **greve geral;a negativa a trabalhar para outros,para os ricos,para os ídolos e para o absurdo**.Greve geral mas diferente da greve geral passiva de braços cruzados(...).Greve geral,sim,mas ativa(...).A greve geral ativa so virá e só vencerá quando os que trabalham se ponham em situação de não dar a outros uma polegada de sua atividade,de seu trabalho,mas de trabalhar só para seu consumo,para suas verdadeiras necessidades”.(p.174)

E,aqui,Landauer lembra-nos da obra de seu mestre Pedro Kropotkin “Campos,fabricas e oficinas”.

Landauer incita ao socialismo,(“este é um socialismo completamente novo”):“Os colonos socialistas devem assentar-se nas aldeias existentes e ficará claro que poderão faze-las reviver e que o espírito que havia nelas nos séculos XIV e XV,pode-se despertar hoje,outra vez”(177)

E nos dá uma idéia afim com a autogestão:

“Podemos reunir nosso consumo e excluir diversos parasitas intermediarios; podemos fundar um grande numero de oficinas e industrias para a elaboraçãõ de bens para nosso próprio consumo.podemos ir muito além do que tem feito até agora as cooperativas”(177-178).

Pedagogicamente,Landauer incita ao socialismo através do exemplo:”O socialismo não sairá do capitalismo, crescerá contra o capitalismo, se edificará contra ele(...).Então! Começai,pois;começai desde o mais pequeno e com o grupo mais reduzido(...).Nosso espírito tem que acender, iluminar,que seduzir, que atrair.Iso não o faz nunca o discurso;por violento, por colérico, por suave que seja.O que o faz é somente o exemplo”.(p.130)Sem duvidas,uma incitação a experimentaçãõ do socialismo autogestionario!

È nesse sentido que Max Nettlau chama a propõsota landauriana de “Socialismo construtivo experiemetal”. M.Nettlau nos fala dos três métodos: a propaganda pelo fato do anarquismo; a açãõ direta do sindicalismo;e,o socialismo experimental ou construtivo: “o exemplo, a pratica, o modelo, o ato indutor ,que “educam pela demonstraçãõ pratica”.(290)

Para Landauer,”O que vale é o povo, o que vale é a sociedade, o que vale é a comuna, o que vale é a liberdade e a beleza e a alegria da vida (p.131).

A Incitaçãõ socialista de Landauer vem de encontro as palavras de Mario Pedrosa sobre o ‘espírito’ reinante no trabalho das comunas indígenas:” Alegria de viver, Alegria de criar” !

Encerramos com os artigos numero 1 e 12, da Associaçãõ Socialista proposta por Gustav Landauer:

“Artigo 1= A forma básica da cultura socialista é a associaçãõ das comunas econõmicas que trabalham independentemente e que trocam entre si seus produtos em justiça”.

“Artigo 12=A Associaçãõ Socialista aspira ao direito e com ele ao poder de suprimir , no momento culminante da transiçãõ por grandes medidas básicas , a propriedade privada da terra, dando assim a todos os filhos do povo a possibilidade de viver pela uniãõ da industria e da agricultura em comunas economicamente ativas e independentes, que trocam seus produtos entre si na base da justiça na cultura e alegria”.(p. 184-185).

Uma última nota,mas não menos fundamental.

Gustav Landauer nasceu em 1870.Em abril de 1919 participou ativamente da ‘primeira’ Republica dos Conselhos da Baviera,como Ministro da Educaçãõ,tentando introduzir os

métodos da Escola Moderna de Francisco Ferrer, e foi assassinado na prisão de Stadelheim em 2 de maio de 1919.

=====

Obras de/ e sobre Gustav Landauer.

= Gustav Landauer

.Landauer, Gustav-« Incitación Al Socialismo ».editorial Americale.Buenos Aires.1947

.Landauer, Gustav-« La revolución ».Busquets editor.Barcelona.1977

.Landauer, Gustav-« Revolution and Other Writings . A Political Reader».Merlin Press. USA. 2010.

. Lowy,Michael – « Rédemption et utopie.le judaïsme libertaire en Europe centrale ».puf.Paris.1988

.----- - « Marxisme et Romantisme Révolutionnaire ».sycomore.Paris.1979

.----- « Romantismo e Messianismo ».Editora Perspectiva.São paulo.1990

.-----« Juifs hétérodoxes.Romantisme, messianisme, utopie ».Éditions de l'éclat.Paris.2010 (« Judeus Heterodoxos ».Perspectiva.São Paulo.2012

.-----« Rédemption et utopie.Le judaïsme libertaire en Europe centrale ».puf.paris.1988

.M.Lowy et R.Sayre. »Révolte et Mélancolie.Le romantisme à contre-courant de la modernité ».Payot.paris.1992

.M.Lowy et R.Sayre. » Esprits de Feu.Figures du Romantisme Anti-Capitaliste ».Éditions du Sandre.paris.2011

.Lunn, Eugene- « Prophet of Community.The Romantic Socialism of Gustav Landauer.University of California Press.London.1973

. Martin Buber – « Landauer », em : « Utopie et Socialisme ».Aubier Montaigne.Paris. 1977

.Gabriel Kuhn with Siegbart Wolf-« Introduction a Revolution and Other Writings ».